



Câmara Municipal de Ibitinga

Estado de São Paulo

Avenida Dr. Victor Maida, nº 563 – Centro – Ibitinga (SP) – Fone (16) 3352-7840 – CEP 14940-097
Site: www.ibitinga.sp.leg.br / E-mail: informacao@camaraibitinga.sp.gov.br

Denomina a Rua 01 do loteamento Porto Seguro de Rua Maria Jovita Braga Ocon.

(Projeto de Lei Ordinária nº _____/2024, de autoria do Vereador José Nilson Viana)

Art. 1º A Rua 01 do loteamento Porto Seguro, passa a denominar-se de Rua Maria Jovita Braga Ocon.

Art. 2º O Poder Público Municipal fará cumprir a lei vigente no intuito de fixar placas denominativas no logradouro.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Sala das Sessões “Dejanir Storniolo”, em 29 de outubro de 2024.

JOSÉ NILSON VIANA
Vereador - MDB

JUSTIFICATIVA DO PROJETO DE LEI

Excelentíssimo Senhor Presidente e demais Vereadores,

Submetemos a apreciação dos nobres pares a propositura em questão para conhecimento e apreciação do Egrégio Plenário, seguindo em anexo documentos e curriculum de vida da homenageada.

Dessa forma, convidamos aos nobres pares a votarem este justo projeto de lei, conforme as considerações expostas.

Sendo assim, apresentamos a propositura para ser apreciada e analisada pelos Nobres Edis.

Ibitinga, 29 de outubro de 2024.

JOSÉ NILSON VIANA
Vereador - MDB

Q. Kalyan is a student of Kalyan school.

A. Kalyan is a student of Kalyan school.

Q. Kalyan is a student of Kalyan school.

RUA D^{ca} MARIA BRAGA

ou só
Da Maria Braga

Maria Jovita Braga Ocon nasceu em 14 de fevereiro de 1921 na aldeia indígena Limão Verde, na cidade de Aquidauana (MS), e assistiu a todo o processo de colonização na região da cidade. Como a família tinha muitos filhos, foi criada por uma tia, e só com a morte dela é que descobriu os verdadeiros pais. Com eles morou pouco tempo, pois se casou aos 15 anos com Gilberto, um uruguaio. Do Mato Grosso do Sul, já com um filho, o casal foi para Juiz de Fora (MG). Mais tarde, a família migrou para São Paulo e acabou, em seguida, retornando para o Mato Grosso do Sul. Tentando ainda uma vida melhor, partiram novamente para novo destino, desta vez para o Paraguai. Após um tempo, insatisfeitos, resolveram voltar ao Brasil, seguindo para Barretos (SP). Por lá, permaneceram por dez anos. Numa última jornada, rumaram para a região central do Estado de São Paulo, na cidade de Jbitinga. É lá que Dona Maria Jovita conseguiu, finalmente, se estabelecer e fazer fama como uma das grandes bordadeiras da cidade.

Uma bordadeira
de mão-cheia

MARIA JOVITA

Infância cigana

Sou filha de Ângelo Calvi e Maria Antonia Braga, descendentes de portugueses e italianos. Meus avós vieram para o Brasil no tempo do café, época em que mandavam buscar a italianada para trabalhar aqui. Meu avô paterno foi para a lavoura. Como achou que estava trabalhando feito escravo, resolveu mudar para o Paraguai e inaugurou um hotel. Lá, nasceu meu pai. Mais tarde, meu avô vendeu o hotel e voltou para o Brasil. Meu pai estava mocinho e já tinha até estudado no Paraguai quando vieram para o Mato Grosso do Sul. Meu avô foi morar numa aldeia e eles começaram a colonizar a região. Já era mocinha quando meu avô inaugurou uma escola para os índios. Ela ainda existe hoje. Depois, construiu uma igreja, uma capelinha, na aldeia Limão Verde, em Aquidauana. Lá meu pai conheceu minha mãe, se gostaram e se casaram. Tiveram 12 filhos. Seis mulheres

FALC CPU 16/02/2022
COM 202 ANOS

e seis homens. Meu pai inaugurou uma olaria. Nasci na aldeia Limão Verde, mas saí de lá pequena. Minha infância foi meio acidentada. Como minha mãe tinha muitos filhos, fiquei com uma tia, que conheci como se fosse minha mãe. Ela não tinha nenhum filho, só ela e o marido. Fui muito mimada... E sempre falava: "Queria ter bastante irmão. É tão triste ser sozinha! Como eu gostaria de ter irmão!" Mas minha tia também trabalhava com dificuldade, era pobre... Fui muito pouco na escola, porque sempre morava longe e era difícil. Fiz até o segundo ano de grupo, mas aprendi a ler. Todos os meus irmãos também aprenderam um pouco em casa e um pouco na escola. Ninguém foi mais que o segundo ou terceiro ano primário.

Baque no início da adolescência

Quando eu tinha 12 anos, minha tia faleceu. Não sabia que era minha tia. Meu tio chegou e disse: "Perdi você... sua mãe e você." "Por quê?" "Porque você não é minha filha." Foi um baque tremendo. Ele continuou: "Mas você tem seu pai. O Anjo é seu pai." No mesmo dia já fui para a casa dos meus pais e ganhei um monte de irmãos. Foi difícil a adaptação... Só vivi um ano em companhia do meu pai, porque ele foi acidentado. Comprou uma chácara pertinho de Aquidauana para criar a filharada. Depois, os mais velhos foram saindo de casa, minha irmã mais velha casou-se e ficaram os menores. Meu pai morreu muito cedo. Trabalhava numa marcenaria quando foi acidentado. E a minha mãe ficou com toda a filharada... E foi lutando na chacinha com dificuldade.

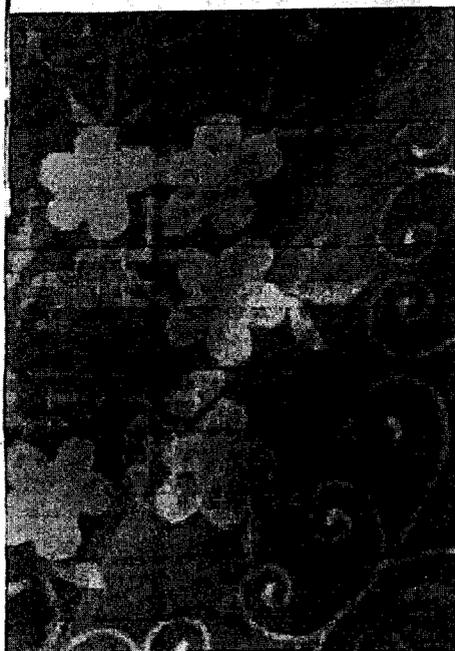
Príncipe encantado

Ali, apareceu meu príncipe encantado. Agente estava limpando o arroz no pilão, socando o arroz, quando chegou o moço. Cumprimentou, dei uma olhada e já senti qualquer coisa. Ele falou: "Quer ajuda?" Falei: "Não é nada ruim..." Começamos a nos entender, a namorar e casei. O juiz não aceitou fazer a cerimônia em Aquidauana porque eu era menor. Então, fomos de trem de carga ao cartório em Taunay, onde o tabelião fazia o casamento. É uma aldeia de índio também e há 70 anos está do mesmo jeito. Tinha 15 anos quando casei e ganhei meu primeiro filho com 17. Meu marido trabalhava numa charqueada, um tipo de frigorífico que fazia o charque para mandar para fora.





A ESQUERDA: FUNCIONÁRIA DA BORDADOS BRAGA, DE PROPRIEDADE DE MARIA JOVITA BRAGA O'CONNOR IBITINGA (SP), 1976. NOTOPO, MERCADORAS EM IBITINGA (SP), 1959. ACIMA: MARIA JOVITA E SEU FILHO ??



Primeira grande viagem

Depois, fomos de mudança para Juiz de Fora. O nenê tinha 40 dias. Meu marido era uruguaio, meio "estouradão", mas um galã de telenovela, príncipe mesmo. Era 24 anos mais velho do que eu. Chamava Gilberto e conseguiu trabalho numa charqueada de Juiz de Fora, mas ficamos pouco tempo ali. Ele arreliou lá com o patrão, viemos para São Paulo e, depois, voltamos para Mato Grosso do Sul. Essa viagem foi muito boa. Via aqueles cafezais que sumiam de vista... Passamos por Lins, Araçatuba, Pirajuí... Lindo! Em São Paulo, estranhei tudo. Fiquei doente, meu filho ficou doente... Estranhei tudo, tudo. Era uma vida completamente de outro mundo. Achava bonito, naquela época, passear na Praça da Sé, e ver aqueles lagos que tinham leões botando água pelo nariz... A Praça do Correio era a coisa mais linda! Você podia andar tranqüila. Hoje, não se pode mais, porque tudo aquilo já acabou. Na Estação da Luz se podia dormir nos bancos. Era uma coisa maravilhosa! O trem era lindo! Mas também é bom lembrar que eu não conhecia outra coisa mais linda. Essa viagem foi a primeira da minha vida. O trem tinha carro de segunda, banco de madeira, mas bem envernizado... Os carros de primeira eram estofados, com capas brancas, de pano... Tudo bem arrumado! O restaurante tinha as mesinhas bem arrumadas, com flores. Havia carro-leito com cortinas... Fomos de cabina por causa do bebê. Havia duas camas, uma embaixo e uma em cima, beliche. Com lavatório e tudo. Dava para ir deitada olhando pela janela. Quando voltamos, meu marido foi trabalhar novamente na mesma empresa de charqueada e arrumamos nosso rancho de novo, na beira do Rio Aquidauana. E começamos a trabalhar tudo de novo... Mas um dia ele falou: "Não vou ficar no Brasil."

Aventura no Paraguai

Meu marido fez mais uma safra, pegou o dinheiro e falou: "Eu vou mudar para o Paraguai. Vamos embora para o Paraguai." Respon-di: "Homem do céu, o que vamos fazer no Paraguai?" Mas ele queria ir. Fomos. Mato Grosso tem uma divisa do Brasil com o Paraguai, chamada Bela Vista. Passamos para o Paraguai numa carreta de boi. Atravessamos o rio de canoa e remo. Com a "mudancinha" e uma mala que tenho até hoje. Meu filho estava com um ano e meio. Era bonzinho, quietinho... Mas... E o alimento para a criança? Que dificuldade! Dez dias de carreta. A comida feita em cima do couro que cobria os arreios dos cavalos. Picavam a carne-seca, sem lavar, sem nada, jogavam na panela, misturavam, cortavam a mandioca suja e punham para cozinhar. Depois, misturavam o



ACIMA: MARIA JOVITA E SUA FILHA NEUDA, IBITINGA (SP), 1999. LOCO ABAIXO: BORDADOS EM EXPOSIÇÃO, IBITINGA (SP), 1978.

arroz. Paravam nas fazendas e compravam o leite e o queijo. Chorei a viagem inteira de medo de dar aquele leite para o meu filho: fervia bem fervido, porque o calor que fazia era de 45 graus! Banheiro? Era no mato... Fazia minha comida. Um arroz com carne-seca... A gente parava umas duas horas para descansar e aproveitava para fazer comida bem-feita: mandioca, carne, queijo... A cama, à noite, era uma rede embaixo da carreta. Dormia com meu filho em cima do peito. Nós dividíamos a rede. Eu e ele. Um dia ele falou: "Mamãe, eu estou cansado de passear. Vamos para casa." Quando chegava na beira de um córrego, de um rio, era uma festa. Que delícia... A gente entrava com roupa e tudo... E os bois também... Mortos de sede. Foram dez dias viajando... Chegamos em Vila Concepción e fomos para Assunção, onde moramos um ano e meio. Fiquei grávida de novo, da minha filha Neuda, e fiz a viagem de volta. Meu marido não deu certo lá. Trabalhou de carroceiro, pedreiro, ajudante de servente de pedreiro, qualquer serviço que aparecia, só que o que comer não faltava.

Volta para casa

Fizemos a viagem de volta num naviozinho. Vim sozinha até Bela Vista, e de lá, peguei um trem até Aquidauana. Esse trem vinha até Porto Esperança. Vim para a casa da minha mãe, na mesma chácara... Depois disso, meu marido voltou e continuou trabalhando na charqueada de novo. Lá no Paraguai, como a gente não tinha dinheiro, não tinha recursos para voltar, tivemos que nos separar. Ele ficou trabalhando e fui ao consulado. Contei a minha história, sobre as viagens de carreta, essas coisas todas, e o cônsul do Brasil falou: "Minha filha, teu marido é um louco. É um louco varrido. Como te trazer num lugar tão miserável, onde todo mundo é pobre? Sendo o Brasil tão rico..." E era mesmo. Um horror a pobreza no Paraguai. Respondi: "Eu estou pedindo o que a minha pátria tem por obrigação fazer comigo, me mandar embora." Ele passou a mão na minha cabeça: "Minha filha, você tenha juízo. Deus que te acompanhe."

Pé na estrada

Depois disso, fomos para Barretos, onde morei dez anos, e de lá fui para Ibitinga, onde estou até hoje. Eu costurava... Lá em Mato Grosso eu fazia roupa para aquela "bugraia", a roupa das minhas crianças e até para o meu marido. Em Barretos, comecei a costurar. Mas não dava o dinheiro. Então, fui para a roça, onde fiz uma safra de algodão. Juntei 4 mil cruzeiros e comecei a vender a roupa, nas casas, de porta em porta.



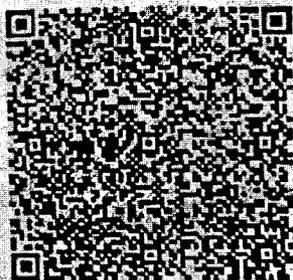
Capitalzinho para o bordado

Depois, vim para Ibitinga, no dia 17 de julho de 1955, com um capitalzinho. E aí começa a minha história com bordado, o famoso bordado de Ibitinga. Acho que tudo que temos que fazer na vida é lutar com fé e coragem. Acreditar que aquilo ali vai ser bom para você, vai sair naquilo, vai vencer. Nunca se deve deixar estressar e se atirar no meio da estrada, porque aí você fica. O jeito é lutar e vencer. Nunca desanimar, nunca parar no meio do caminho. Se vai subir uma montanha, você tem que pensar que vai chegar ao fim. Você nunca deve parar no meio e falar: "Não, eu não consigo." Porque consegue. Você descansa, respira e vai.

107

ACMA: LOJAS EM IBITINGA (SP), 1999. MATRIZ DO SENHOR BOM JESUS, EM IBITINGA (SP).





REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

1214342CE00000010429124D
Para conferir a procedência deste documento efetue a leitura do QR Code. Instrução ou acesse o endereço eletrônico <https://sicojudigital.rjcp.jus.br>

CERTIDÃO DE ÓBITO

NOME
MARIA JOVITA BRAGA OCON

CPF

172.293.088-87

MATRÍCULA

121434 01 55 2022 4 00034 377 0013510 81

SEXO

Feminino

COR

Branca

ESTADO CIVIL E IDADE

Viúva - 101 anos

NATURALIDADE

Aquidauana - MS

DOCUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO

29860398 SSP/SP

ELEITOR

Não

RESIDÊNCIA E FILIAÇÃO

Endereço: Rua Anna Maria Mendes Paez, 28
Bairro: Jardim Petrópolis Cidade: Ibitinga - SP
MÁRIA-ANTÔNIA BRAGA
ANGELO CALVI

DATA E HORA DE FALECIMENTO

Dezesseis de fevereiro de dois mil e vinte e dois - 11:41h

DIA

16

MÊS

02

ANO

2022

LOCAL DE FALECIMENTO

Hospital na Santa Casa de Ibitinga-SP, Rua Domingos Robert, 1090, Centro, Ibitinga-SP

CAUSA DA MORTE

a) Choque Séptico, b)-Pneumonia Bacteriana

SEPULTAMENTO / CREMAÇÃO (MUNICÍPIO E CEMITÉRIO, SE CONHECIDO)

Cemitério Municipal de Ibitinga-SP

DECLARANTE

Carlos Alberto Ocon de Oliveira (neto)

NOME E NÚMERO DE DOCUMENTO DO MÉDICO QUE ATESTOU O ÓBITO

MICHEL RAINERI HADDAD - CRM: 183299

AVERBAÇÕES / ANOTAÇÕES A ACRESCEM

Nascida em 14/02/1921. Óbito lavrado em 17/02/2022, no livro C nº 34, à folha nº 377, sob o nº 13510. Era viúva de Gilberto Timoteo Ocon Merlo, cujo casamento foi lavrado no AQUIDAUANA - 2º OFÍCIO, livro B-01, às fis. 46, sob nº 54, em data ignorada; deixa o(s) seguinte(s) filho(s): Ney Ocon Braga, casado Nereide Montanari Braga; Nelda Ocon de Oliveira, casada com Aristides Antonio de Oliveira; Tereza Braga Ocon Correa, casada com José Júlio Correa; Odila Braga Ocon Dias, casada com Vicente Dias Azevedo Cruz; e Paulo Roberto Ocon, casado com Martha Quirino Louzada Ocon; não deixa bens a inventariar; não deixa testamento conhecido. Nada mais me cumpria certificar.

ANOTAÇÕES DE CADASTRO

Nada consta.

REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS E INTERDIÇÕES
E TUTELAS DA SEDE

ALFREDO LUIS PAPONI/FERNANDES
OFICIAL

Comarca e Cidade de Ibitinga/SP
CEP: 14940-830 - Parque Minzoni

Avenida Engenheiro Ivanil Francischini - nº 5197
Tel. (16) 3342-4846
E-mail: rcibitinga@gmail.com

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé.
Ibitinga, 10 de outubro de 2024.

Ibanez de Castro Fontebasso
Oficial Substituto

Custas R\$ - Oficial: 35,25; SEFAZ: 7,05; ISS: 1,05; Total: 43,35
Guia nº 41/2024

Oficial de Registro Civil de Ibitinga-SP. Conferente: (2)

Ibanez de Castro Fontebasso



121434 - AA 000056095 0524

